

## O EMPRÉSTIMO DE LIVROS

JUAN VICÉNS

*O sistema de biblioteca ativa, em todos os seus característicos, torna-se dia a dia mais generalizado e acatado. Os magníficos resultados que proporciona, tornando possível um aproveitamento maior, em benefício do estudo e do ensino, do material existente nas bibliotecas, são amplamente reconhecidos em numerosos trabalhos publicados sob a égide de nomes competentes e autorizados.*

*O artigo cuja tradução, data venia, aqui inserimos, foi extraído do "Boletim Bibliotecnico", publicação bimestral que se edita em La Habana, capital da República de Cuba (Vol. II — N.º 2, Março de 1939).*

*Nele o autor, revelando grande conhecimento do assunto, focaliza as vantagens que apresenta, tanto para os leitores como para as próprias bibliotecas, o empréstimo de livros. Faz, além disso, considerações sobre a necessidade do intercâmbio entre as bibliotecas, tendo em vista o oferecimento do máximo de possibilidades ao público. Julgamos interessante a reprodução do artigo do sr. Juan Vicéns em nossas colunas, sobretudo porque o DASP, desde que instalou sua biblioteca, vem procurando dar-lhe essa feição ativa.*

Ainda perdura, infelizmente, na maioria das bibliotecas espanholas, a concepção da biblioteca-museu, do depósito de livros, que, uma vez aí chegados, não devem sair por motivo algum, a idéia do leitor como inimigo do livro e do bibliotecário como defensor do livro contra o leitor. Essa con-

cepção é acompanhada pela da biblioteca isolada, encerrada em si mesma, com uma vida absolutamente à parte das outras bibliotecas. Nos outros países, sobretudo naqueles em que a técnica da organização de bibliotecas se tem aperfeiçoado e naqueles que vêm adotando os aperfeiçoamentos conseguidos, tais concepções não passam de reliquias prehistóricas. A concepção atual da biblioteca é a de instrumento de difusão da cultura, um serviço público destinado a pôr à disposição de todo mundo toda classe de livros e a proporcionar aos leitores, para seu uso, o maior número de facilidades humanamente possível.

É claro, entretanto, que haverá sempre certas bibliotecas, certas seções de bibliotecas de tipo geral, destinadas à custódia de obras de grande raridade e valor e que, por conseguinte, devem ser tratadas de outro modo. Mas é indubitável que para cada biblioteca dêse tipo deverá haver centenas de bibliotecas das outras, compostas de livros modernos, de uso constante, manuais de estudo, obras de consulta, obras recentes de literatura, etc., etc. Será conveniente distinguir o mais possível entre essas duas espécies de bibliotecas ou de seções de uma mesma biblioteca, para que o excesso de restrições e precauções necessário em umas não prejudique a utilização eficaz das outras. Não se creia, tampouco, que os livros raros e preciosos estão livres de sair do âmbito da biblioteca; é claro que não se emprestará um Beato (1) a qualquer pessoa para que o leve para casa, mas pode acontecer que se empreste um livro raro a outra biblioteca, inclusive do estrangeiro, para que ali possa estudá-lo algum erudito,

(1) São Beato — abade e escritor espanhol que viveu na segunda metade do século VIII. Até hoje se conhecem 22 manuscritos de sua autoria, havendo notícia de outros 10 que se perderam. (N. da R.)

com as devidas precauções e garantias. Isso, que parece um pouco estranho, já é prática corrente em vários países e já deu matéria de estudo a toda uma seção do recente Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografias, reunido em Madrid.

Longe vai de nós o tempo em que por um manuscrito, únicos livros de então, chegava-se a pagar uma casa e uma vinha; poucas eram então as pessoas que podiam ler e menos ainda as que podiam possuir muitos livros. A imprensa, multiplicando de modo econômico o número de exemplares de cada livro, tornou possível sua grande difusão atual e que os livros estejam ao alcance de quasi todo mundo. Isso mesmo, porém, produziu o aparecimento constante, em número crescente, de livros cada vez mais especializados; poucas são as pessoas que hoje podem adquirir todos os livros que precisam ler, consultar ou estudar. É aqui que devem intervir e intervêm o Estado, o Município, os centros docentes e também as sociedades, clubes, sindicatos, etc. De modo oficial, de modo cooperativo ou de modo particular foram-se criando bibliotecas e cada dia ha de ser necessário creá-las em maior número e aumentar continuamente seus fundos; assim, os livros estarão também à livre disposição daqueles que não podem adquiri-los ou não podem adquirir mais que uma parte dos que necessitam.

Ha mais ainda: si as bibliotecas se acham à disposição apenas daqueles que vivem em sua proximidade e podem permanecer nelas o tempo necessário para ler ou estudar, somente um número de cidadãos relativamente pequeno poderá utilizá-las. Muito maior do que o número dos que podem ler dêsse modo é o dos que podem ler somente em momentos perdidos, em horas impróprias, dos que vivem muito longe de qualquer biblioteca e, ainda, dos enfermos ou impedidos que não podem frequentá-las. Acontece também que muitos leitores precisam dos livros para consultá-los durante seu trabalho, no próprio lugar em que o realizam, etc.

Por outro lado, dado o número sempre crescente de leitores que acorrem às bibliotecas, estas, obrigando a todos êles a permanecerem em seu recinto enquanto lêem, ver-se-iam obrigadas a aumentar constantemente e de modo monstruoso os locais, a calefação, a luz, o pessoal, etc., cousa praticamente impossivel e que, além disso, tornaria as bibliotecas cada vez menos agradaveis e atraentes; ou, de outro modo, se veriam, cada dia mais frequentemente, espectaculos deprimentes de gen-

te fazendo "bicha" à porta das bibliotecas, o aumento progressivo das restrições para admissão às mesmas, etc., etc.

O empréstimo de livros resolve êsses problemas; foi assim que os resolveram nos países que podemos chamar civilizados. Por meio dêle, o leitor se limita a ir à biblioteca por uns curtos instantes, realizar umas simples formalidades e levar o livro para casa, para o local de trabalho, para a pessoa de sua família enferma ou impedida, etc.; grande número de pessoas antes impossibilitadas de fazer uso das bibliotecas, serão assim alcançadas por seus beneficios e êste serviço se realizará com eficácia multiplicada.

Na generalidade das bibliotecas não especializadas em determinada matéria, nas frequentadas por um público numeroso e variado, o empréstimo deve constituir a principal atividade. Os que podem permanecer nas salas de leitura constituem a minoria; a maioria só pode valer-se do empréstimo. O "Manual of Library Economy", de J. D. Brown e W. C. Bermick Sayers, assim dá início ao capítulo consagrado ao empréstimo: "Segundo uma tradição já firmemente implantada na mente do público... o departamento de empréstimo é o mais importante das bibliotecas públicas. A totalidade dos elogios e críticas manifestados publicamente sôbre tais bibliotecas baseia-se quasi sempre nas estatísticas de empréstimos. E assim é, sem dúvida, porque a maioria cá gente pensa sempre na biblioteca como o lugar de onde se pode "tirar" livros..."

Em todas as bibliotecas em que se estabeleceu o empréstimo com a amplitude necessária, as cifras de leitura nas salas são muito inferiores às do empréstimo; na *Public Library* de New York (rede de bibliotecas com sucursais em todos os bairros da cidade) foram lidos, durante o ano de 1933, 4.000.000 de volumes nas salas e ..... 13.000.000 a domicilio. Poderíamos multiplicar as citações e exemplos desta espécie. É repito que isto não exclue a existência de exceções (bibliotecas e livros preciosos, bibliotecas escolares destinadas precisamente a que os alunos estudem na mesma sala, etc.), mas em todas as demais o empréstimo deve ser a atividade principal.

Até o presentê, porém, demos apenas um passo. Resolvemos os problemas até agora indicados estendendo o uso das bibliotecas a um maior número de pessoas. E o resolvemos por meio do empréstimo que podemos chamar de *individual*, pelo qual se emprestam livros ao próprio leitor para

que os leia fora da biblioteca ; passámos da *biblioteca museu* para a biblioteca *serviço público*, com o máximo de facilidades para o leitor que as frequenta ; da biblioteca de livros presos, àquela de onde o leitor leva os livros para casa. Contudo, é preciso dar outro passo para evoluir da biblioteca isolada e encerrada em si mesma à biblioteca como parte de um sistema regional, nacional e mesmo internacional. Nela o leitor não estará limitado aos livros que a biblioteca tenha podido adquirir ; lidos estes, a biblioteca não estará morta para êle, pois que, por meio do empréstimo mútuo, do intercâmbio entre as bibliotecas, êsse leitor poderá dispor dos livros das outras bibliotecas da região, das das outras regiões e até das outras nações. Em vez de bibliotecas com uma elevada porcentagem de livros guardados para sempre, teremos a biblioteca viva, cujos livros se renovam constantemente, ao menos de modo temporário, pois que quando os livros permanecem mortos em um lugar, vão para outro em busca de novos leitores.

Isso se consegue por meio do empréstimo que, por oposição ao *individual* anteriormente descrito, podemos chamar *coletivo*, de biblioteca a biblioteca. Êsse empréstimo, além disso, resolve outros graves problemas. Fundar uma biblioteca em todo lugar onde resida certo número de seres humanos, dotá-las todas do número de volu-

mes que fôsse necessário, aumentar constantemente êsse fundo inicial com livros novos que fiquem ali para sempre, enviá-los em tal quantidade que a biblioteca não possa morrer pelo gasto, conseguir tudo isso é cousa que sai do terreno do possível e não ha orçamento que possa suportá-lo. A solução está na circulação de livros entre as bibliotecas. Além disso, essa circulação permite especializar as bibliotecas, organizá-las conforme um plano racional, posto que os livros não existentes numa biblioteca poderão vir emprestados das demais ; permite também crear nos núcleos exíguos de população, não bibliotecas, mas pequenos depósitos de livros cujas possibilidades, reduzidas em si, serão constantemente supridas por bibliotecas mais importantes. Por outro lado, os meios econômicos que hajam de ser investidos em aquisições serão muito menores para cada entidade e os que se empreguem serão utilizados com intensidade insuspeitada ; e com um número de exemplares relativamente pequeno se poderá vivificar constantemente um grande número de bibliotecas que, por si mesmas, dificilmente poderiam ter vida suficiente.

Êste sistema traz como consequência a confecção de catálogos coletivos ; isto, porém, longe de ser um inconveniente, será uma vantagem, já que, realizada coletivamente, segundo um sistema centralizado, a catalogação será mais econômica e mais perfeita.

## ALGUNS LIVROS NOVOS

### ADMINISTRAÇÃO

DARLINGTON, *George M.* — Office management. New York, The Ronald Press Company, 1935.

FREUD, *Ernest* — Administrative powers over persons and property. Chicago, The University of Chicago Press, 1928.

LEFFINGWELL, *William Henry* — A textbook of office management. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1932.

LEFFINGWELL, *William Henry* — Office management. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1935.

TWYFORD, *H. B.* — Storing. New York, De Van Nostrand Company, 1918.

### ADMINISTRAÇÃO INDUSTRIAL

HARRIMAN, *Norman F.* — Principles of scientific purchasing. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1928.

## ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

- ALLEN, *Stephen Haly* — The evolution of governments and laws. Princeton, Princeton University Press, 1922.
- ANDREWS, *John B.* — Administrative Labor Legislation. New York, Harpers & Brothers Publishers, 1936.
- BENSON, *George C. S.* — The administration of Civil Service in Massachusetts. Cambridge, Harvard University Press, 1935.
- FORBES, *Russel* — Governmental purchasing. New York, Harpers & Brothers Publishers, 1929.
- FRIEDRICH, *Carl Joachim*, COLE, *Taylor* — Responsible bureaucracy. Cambridge, Harvard University Press, 1932.
- GAUS, *John M.* — The frontiers of public administration. Chicago, The University of Chicago Press, 1936.
- GRIFFITH, *Ernest S.* — Current municipal problems. New York, Houghton Mifflin Co., 1933.
- HAINES, *Charles G.*, DIMOCK, *Marshall E.* — Essays of the law and practice of governmental administration. Baltimore, John Hopkins Press, 1935.
- HERRING, *E. Pendleton* — Public administration and the public interest. New York, Mac Graw-Hill Book Company, 1936.
- KEY, *V. O.* — The administration of federal grants to state. Chicago, 1937.
- LUCE, *Robert* — Legislative principles. New York, Houghton Mifflin Co., 1930.
- MAGRUDER, *Frank Abott* — American government. New York, Allyn and Bacon, 1939.
- MERIAM, *Lewis* — Personnel administration in the Federal Government. Washington, The Brookings Institution, 1937.
- MERIAM, *Lewis* — Public Service and special training. Chicago, The University of Chicago Press, 1936.
- MILLSPAUGH, *Arthur C.* — Public welfare organization. Washington, The Brookings Institution, 1935.
- PUBLIC AFFAIRS INFORMATION SERVICE — Bulletin of the Public Affairs Information Service. Vols. 19, 20, 21, 22, 23.
- THOMAS, *Arthur G.* — Principles of government purchasing. New York, D. Appleton-Century and Company, 1919.
- WALKER, *Harvey* — Public administration in the United States. New York, F. & R., 1937.
- WHITE, *Leonard* — The Civil Service in the modern state. Chicago, The University of Chicago.
- WILLOUGHBY, *W. F.* — Legal status and functions of the general accounting Office. Baltimore, John Hopkins Press, 1927.
- WILLOUGHBY, *W. F.* — Principles of public administration. Washington, The Brookings Institution, 1927.
- WYER, *J. I.* — U. S. Documents. Chicago, American Library Association.

## ASSISTÊNCIA SOCIAL

- SIMEY, *F. S.* — Principles of social administration. London, Oxford University Press, 1937.

## BIOBIBLIOGRAFIA

- MARQUIS, *Albert Nelson* (ed) — Who's who in America (1938-1939). Chicago, The A. N. Marquis Company, 1938.

## CONTABILIDADE

- MOREY, *Lloyd* — Introduction to governmental accounting. New York, John Wiley & Sons, 1938.

SANDERS, *Thomas Henry* — Cost accounting for control. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1934.

#### DIREITO ADMINISTRATIVO

GOODNOW, *Frank J.* — The principles of the administrative law of the United States. New York, G. P. Putnam's Sons, 1905.

#### DIREITO CONSTITUCIONAL

MARX, *Mortein* — Government in the Third Reich. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1937.

SHAW, *Roger* — Outlines of governments. New York, Review of reviews corporation, 1938.

WALKER, *Harvey* — Law making in the United States. New York, The Ronald Press Company, 1934.

#### ESTATÍSTICA

GAVETT, *G. Irving* — A first course in statistical method. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1937.

SASULY, *Max* — Trend analysis os statistics. Washington, The Brookings Institution, 1934.

#### FILOSOFIA

THOMAS, *Wendell* — A democratic philosophy. New York, C. E., 1938.

#### FINANÇAS

BUCK, *A. E.* — Public budgeting. New York, Harpers & Brothers Publishers, 1929.

BULLOCK, *Charles J.* — Selected readings in public finance. New York, Ginn and Co.

FAGAN, *Elmer D.* — Public finance. New York, Longmans, Green and Co., 1936.

HUNTER, *Merlin Harold* — Outlines of public finance. New York, Harper & B.

LUTZ, *Harley Leist* — Public finance. New York, D. Appleton-Century and Co., 1936.

MACKENZIE, *D. H.* — Mathematics finance. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1936.

WILLOUGHBY, *W. F.* — Financial conditions and operations of the National Government. Washington, The Brookings Institution, 1931.

#### HISTÓRIA

MCCLELLAN, *George C.* — Modern Italy. Princeton University Press, 1933.

#### LITERATURA

LAJTHA, *Edgar* — The march of Japan. New York, Frederick A. Stokes Company.

#### POLÍTICA

LEE, *H. W.*; ARCHBOLD, *E.* — Social-democracy in Britain. London, 1935.

THOMAS, *Norman* — Democracy versus dictatorship. New York, League for Industrial Democracy, 1937.

#### PSICOLOGIA

FOLLET, *M. P.* — Creative experience. New York, Longmans, Green and Co., 1930.

#### RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO

DONALD, *W. J.* — Handbook of business administration. New York, MacGraw-Hill Book Company, 1931.

#### SOCIOLOGIA

SCARLETT, *George C.* — Laws against liberty. New York, 1935.